

CAFINVENÇÕES

ASSOCIAÇÃO CULTURAL ARTÍSTICA E EDUCATIVA



FICHA TÉCNICA

D6. BOM DIA, SENHORA MORTE

Ficha Técnica e Artística:

Direção Artística

Luis Filipe Baptista

Texto original

Bonjour, Madame la morte!

Autor

Pascal Toulade

Encenação

Luis Filipe Baptista

Carla Batista

Costura e criação plástica

Carla Batista

Adereços, Marionetas e tecnica

Luís Filipe Baptista

Carla Batista

Rui Jorge Dias

Américo Abreu

Dramatização do Texto e Pesquisa

Carla Batista

Filipa Baptista

Sonoplastia

Carla Batista

Filipa Baptista

Produção

Mestre Filipe e as suas Marionetas (1999)

RIDER TÉCNICO:

Nome do espetáculo: Bom Dia, Senhora Morte!

Classificação etária: dos 5 aos 100 (filhos, pais e avós)

Numero máximo de espetadores: 120

Nº atores/manipuladores: 2

Nº de técnicos: 1

Duração: 1h

PALCO

ESPAÇO CÉNICO:

Ideal » boca de cena – 4m | profundidade – 3m | altura – 4m

Mínimo» boca de cena – 3m | profundidade – 2,50m | altura – 3m

SOM:

Leitor de cd ou ligação de mp4

Sistema de amplificação

Mesa de som

3 micro lapela

BASTIDORES » 2 camarins

Tempo de montagem » 3h

Tempo desmontagem» 2h

n. pessoas a deslocar 3

n. de atores 2

n. técnicos 1

n. viaturas a deslocar 1

n. e tipo de quarto / 2 duplo e 1 single

A peça

Sensibilizar os espectadores na descoberta da riqueza do percurso da vida e valorizar todas as idades, incluindo o da velhice, é um dos objectivos desta peça de teatro de marionetas.

Representada com marionetas de mesa, conta a história de uma velhinha de 99 anos que é visitada pela Morte, a fim de a levar consigo. Mas o caso inverte-se, e em vez da velhinha morrer, a Morte vive... Desta forma o encontro, que deveria ser breve, prolonga-se numa alegre vivência entre ambas até à festa dos seus 100 aniversários...Até que o ciclo natural da vida se completa.



*Esta peça foca vários pontos que podem servir de mote para debate e reflexão entre as pessoas (família, escola, centros sociais, culturais...)
Falamos da Morte para aprender a Viver...*

Bonjour, *Madame la Mort*

É uma história que veio de França, escrita por Pascal Teulade e ilustrada por Charles Sarrazin, galardoada com o Prémio Chronos em 1998.

Este prémio de literatura infanto-juvenil distingue três obras em cada ano, seleccionadas por júris constituídos por crianças do ensino pré-primário e do Básico.

O Prémio Chronos destina-se também a ajudar crianças afastadas do percurso escolar por motivo de doença a conviver melhor com a sua situação.

Criado em 1996, no âmbito do trabalho que a Fundação Nacional de Gerontologia francesa vem há anos desenvolvendo, sob o lema «Crescer é envelhecer, envelhecer é crescer», tem por finalidade pôr as crianças do mundo de hoje, dominado pelos valores da juventude, a contactar com a velhice, o percurso e o fim da vida, o diálogo inter-gerações.

Esta forma divertida de desmistificar um fenómeno inevitável, para muitos assustador, foi escolhida, por um júri de 1483 crianças do ensino pré-primário de França e de mais 12 países, como um dos três textos galardoados na terceira edição do Prémio Chronos.

Mas em Portugal *Bom Dia, Senhora Morte* começou por ser inserida nas comemorações do Ano Internacional do Idoso, em 1999, pelo grupo *Mestre Filipe e as suas Marionetas*, encenado por Luís Filipe.

A sala do teatro mergulha na escuridão. Iluminados ficaram apenas o palco, ao fundo, onde estava representado o «mundo» da senhora idosa (uma mobília de quarto alentejana, azul com flores brancas, um biombo, os armários e a mesa da cozinha, um forno, um quintal com a vaca e a cabra), e, à esquerda do palco, o mundo da Morte, que está representada ao gosto medieval: um esqueleto branco envolto numa capa negra, empunhando uma foice. Acompanham-na o livro e a ampulheta.

Depois de consultar o livro e virar a ampulheta, a morte bate à porta da anciã.

«Chegou a hora», diz-lhe. «Aurora? Não te conheço!», responde-lhe a idosa.

E assim, através de uma capacidade auditiva e visual deficiente, como acontece à maioria dos idosos, e uma predisposição para acarinhar a companhia inesperada, a idosa vai atenuando, inconscientemente, a realidade. Convida a morte a entrar na sua casa, depois de lhe pedir a «bengala», ou seja, a «foice», para a arrumar. A princípio irritada, a visitante acaba por corresponder à amizade da visitada. Jogam às cartas, cantam, dançam, festejam os cem anos de vida da anciã, o que inclui um brinde à saúde de ambas, até que esta, confessando que não quer ficar sozinha, se prepara para partir, depois de vestir uma camisa de noite e antes de apagar uma vela, símbolo da vida que se extingue.

À medida que a peça avançava, surge, aqui ou ali, um ou outro foco de agitação. Mas as gargalhadas estalam com os gags do cão e do gato ou quando a velha e a Morte se envolvem numa dança frenética, ao som de música de jazz.

As crianças que não sofreram a perda de um familiar próximo não se preocupam com o fenómeno morte mas é importante saberem que, embora inevitável, o fenómeno pode também ser tratado de forma lúdica.

O nosso objectivo fundamental é, por um lado, desmistificar a morte mas, por outro, valorizar a vida. Enquanto se está vivo vive-se com alegria! É isso que nos ensina a velhinha.

«Apaixonámo-nos pelo texto», confessa mestre Filipe. O espectáculo estreou-se na Culturgeste, foi representado no Museu Nacional do Teatro, foi aos Açores duas vezes, foi apresentado em congressos, seminários e outros fóruns do Ano Internacional do Idoso, aproximando-se actualmente da meia centena de representações.

«O senhor trouxe a este palco a nossa vida», disseram idosos a mestre Filipe.

Mas encarar a morte de forma divertida e serena é bom em qualquer idade.

Por isso, *Bom Dia Senhora Morte*, tem sido representada também para crianças de todas as idades.